



**DA VIAGEM DE EDWARD MATHEWS AO RIO MADEIRA
ON EDWARD MATHEWS' JOURNEY TO THE MADEIRA RIVER**

Helio Rodrigues da Rocha

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: heliorocha@unir.br

João Carlos Pereira Coqueiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD/Portugal)

E-mail: carlospereiracoqueiro@gmail.com

RESUMO

Este texto tem como finalidade evidenciar algumas representações elaboradas por Edward Davis Mathews – engenheiro-residente da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – quando de sua viagem à Amazônia ocidental no período de 1872 a 1874. Essas “atribuições de sentido” pintadas por esse viajante britânico se encontram em seu relato *Up the Amazon and Madeira Rivers, Through Bolívia and Peru* [Viagem pelo Amazonas, Madeira, Bolívia e Peru], publicado em 1879 pela Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, em Londres. O relato da viagem de Mathews à América do Sul narra a saga da viagem de navio de Belém a Santo Antônio do Alto Madeira e dali rio acima, até a cidade-porto Callao e Lima, no litoral do Pacífico, no Peru. Ali embarca no *Oroya* para Colón, no Panamá, de onde retorna para a Inglaterra. No geral, Mathews escreveu seu livro como uma obra que trata de aspectos hidrográficos, vegetação, fauna, flora, clima, costumes e práticas dos indígenas que viviam às margens dos rios Pará, Amazonas, Madeira, Beni, etc. Para que se possa refletir sobre esses dados, serão usados os conceitos de cultura (EAGLETON, 2005) e tradução cultural ((TYLOR, cf. ASAD, 2014; CLIFFORD, 2014; 2016) com o intento de se refletir sobre essas ‘formas de vida relativas e históricas’ (SAHLINS, 1990) pontuadas pelo viajante da era do império do Brasil.

Palavras-chave: Edward Mathews. Relato de viagem. Rios Amazonas e Madeira. Representações. Culturas.

ABSTRACT:

In this paper we intend to highlight some representations made by Edward Davis Mathews - resident engineer of the Madeira-Mamoré Railroad - during his trip to the western Amazon from 1872 to 1874. These "attributions of meaning" painted by this British traveler are found in his account *Up the Amazon and Madeira Rivers, Through Bolivia and Peru*, published in 1879 by Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, London. The account of Mathews's voyage to South America recounts the saga of the voyage from Belém to Santo Antônio do Alto Madeira and up stream to the port city of Callao and Lima on the Pacific coast of Peru. There he embarks in the steamship *Oroya* to Colón, in Panama, from where he returns to England. In general, Mathews wrote his book as a work dealing with hydrographic aspects, vegetation, fauna, flora, climate, customs and practices of the natives who lived on the banks of the rivers Pará, Amazonas, Madeira, Beni, etc. In order to reflect on these data, the concepts of culture (EAGLETON, 2005) and cultural translation (TYLOR, according to ASAD, 2014; CLIFFORD, 2014; 2016) will be used in order to reflect on these relative and historical lives' (SAHLINS, 1990) punctuated by the traveler of the empire of Brazil.

Keywords: Edward Mathews. Travel writing. Amazon and Madeira Rivers. Representations. Cultures.

Como este texto tem por objetivo evidenciar algumas representações elaboradas por Edward Davis Mathews – engenheiro-residente da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – quando de sua viagem à Amazônia ocidental no período de 1872 a 1874, e inseridas em seu relato de viagem, começaremos refazendo o percurso da jornada de Mathews a partir de seu próprio relato, que está repleto de representações de paisagens amazônicas, que englobam cidades, portos, vilas, povoados, gentes, embarcações, etc. Essas “atribuições de sentido” pintadas por esse viajante britânico se encontram em seu relato *Up the Amazon and Madeira Rivers, Through Bolivia and Peru* [Viagem pelo Amazonas, Madeira, Bolívia e Peru], publicada em 1879 pela Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, Londres e que, até hoje, mesmo tendo se passado mais de cento e quarenta anos, ainda não foi transposto para o português brasileiro, tarefa árdua que, como a jornada do

engenheiro, requer muitos cuidados e conhecimentos prévios da região por onde passou o viajante.

Assim, mesmo que ainda não se tenha em mãos esse relato em português, pode-se afirmar que se trata de um dos raros livros sobre uma viagem de Belém a Santo Antônio do Alto Madeira e, dali rio acima, até a cidade-porto de Callao e Lima no litoral do Pacífico, Peru, zarpando dali para a antiga Anspiwall, no Panamá e, seguindo viagem no *Tasmanian*, segue para Plymouth, aportando antes na Jamaica e depois Plymouth, Inglaterra.

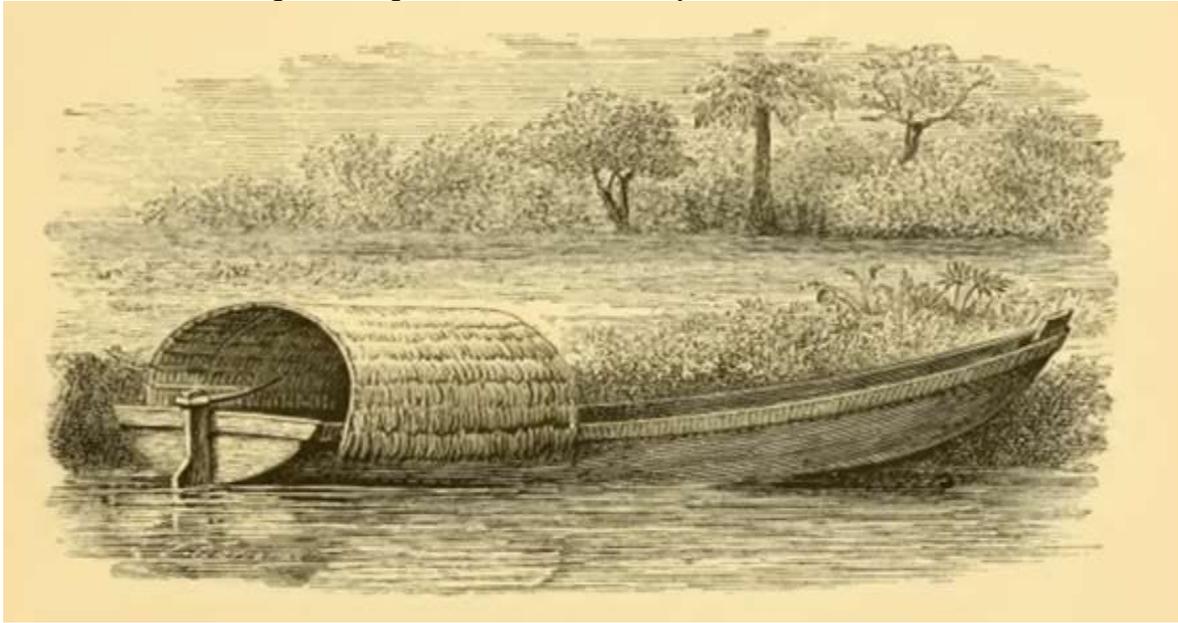
Mathews escreveu seu livro como uma obra que trata de aspectos da hidrografia, da orografia dos trechos encachoeirados do Madeira, da vegetação, fauna, flora, clima, costumes e práticas dos indígenas que viviam às margens dos rios Pará, Amazonas, Madeira, Beni, etc. De fato, diz o autor em seu prefácio que

muitos ficariam satisfeitos em conhecer um itinerário que oferecesse as atrações combinadas da canoagem nos magníficos afluentes do rio Amazonas e da travessia dos Andes no lombo de uma mula. Portanto, meu esforço é apresentar todas as informações possíveis sobre a maneira e o custo para uma viagem pela rota indicada. (MATHEWS, 1879, p. vii).¹

Ao que se pode deduzir, a ideia de Mathews, ao fazer os registros em seu diário de sua jornada pela Amazônia, era mostrar, aos seus leitores, uma rota que oferecia muitas aventuras, fosse navegando numa canoa, nas águas dos rios Madeira, Mamoré, Beni, e demais afluentes das águas de suas cabeceiras, como uma jornada no lombo de uma mula ou outro animal usado pelos naturais em suas viagens de subida e descida dos Andes rumo ao oceano Atlântico. O relato de Mathews contém vários desenhos que servem de estímulo aos leitores para novas viagens aos lugares remotos da América; excitam o imaginário estético e levam ao enlevo poetizante de uma escrita pautada na natureza, nas suas gentes e em seus modos de vida, por isso decidiu-se pela inserção do desenho de um tipo de embarcação usado nos rios amazônicos naquela época.

¹ Todas as traduções que estão neste texto foram feitas por Hélio Rocha.

Figura 1 - Igarité ou canoa do viajante – Rio Madeira



Fonte: Relato de E. D. Mathews.

O próprio Mathews esclarece que, quando do preparo para essa jornada, se esforçou para anotar tudo o que fosse relevante de registro no decorrer do dia e, embora incorrendo, talvez, no risco de ser um pouco entediante, pensou que seria de bom tom copiar as notas que ele fez no seu diário, para que as cachoeiras e outras partes da rota percorrida pudessem ser descritas de modo organizado.

Como dito anteriormente, Edward Davis Mathews fez parte do primeiro grupo de engenheiros da *Public Works*, empresa empreiteira inglesa que, em 1872, foi encarregada da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Assim foi que a *Madeira Mamoré Railway*, cujo presidente era o coronel George Earl Church, “despachou para fiscalizar os trabalhos da firma empreiteira o engenheiro E. D. Mathews, que também se dirigiu a Santo Antônio”. (FERREIRA, 2005, p. 81). Vale salientar que Santo Antônio não era sequer um povoado na época, mas tão somente um simples porto de parada dos que subiam e desciam as cachoeiras e, de acordo com Ferreira (2005), ali “costumava permanecer um destacamento militar brasileiro” (2005, p. 81). Mathews confirma essa assertiva de Ferreira ao escrever em seu *Up the Amazon and Madeira Rivers* que

Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 71-84

Santo Antônio tem uma má reputação devido à malária e a outras febres, mas eu passei lá quase dois anos e não sofri nenhum ataque grave, e o local está agora fazendo progressos rapidamente com a abertura de uma clareira um tanto quanto extensa. Há um posto militar brasileiro, ou "destacamento", com cerca de trinta soldados, sob o comando de um capitão-comandante, e há um destacamento militar no rio Itenez, província de Mato Grosso. (MATHEWS, 1879, p. 24).

Mathews relata que depois de aproximadamente vinte dias de viagem de Liverpool rumo ao Pará, o litoral do norte do Brasil surgiu no horizonte e que navegadores que não estivessem familiarizados com a localidade enfrentariam dificuldades para se dirigir à estação piloto de Salinas, no Pará. É desse registro inicial que o viajante conduzirá o seu leitor rumo ao alto rio Madeira e dali até ao Oceano Pacífico. Têm-se, então, uma viagem de ascensão, pois o viajante, depois de vencer as ondas do Atlântico e chegar à foz do rio Amazonas, adentra o Pará, atravessa a baía de Guajará e navega pelo Amazonas, adentra no rio Negro até a cidade de Manaus; dali retorna para o Amazonas, atinge as águas da embocadura do Madeira e assim sucessivamente. O próprio título de seu relato tem, em inglês, a palavra *up*, que significa para cima, rio acima, etc.

Feito isso, vale salientar que Mathews chegou a Santo Antônio, em frente à primeira cachoeira do rio, no dia 06 de julho de 1872. Há um desenho desse porto no relato de Mathews; provavelmente, uma das primeiras imagens desse local que fora escolhido como ponto inicial da EFMM, pois no relato de Mathews não há descrições acerca da localidade, senão a informação já dada anteriormente neste texto, sobre a existência de um destacamento militar brasileiro. No entanto, “Se Mathews não deixou informações mais detalhadas da localidade sob a forma de palavras, deixou-as eloquentemente ilustrada” (FONSECA, 2016, p.05). É válido salientar que, de acordo com Mathews, “o local está agora fazendo progressos rapidamente com a abertura de uma clareira um tanto quanto extensa” (MATHEWS, 1879, p. 24), e, atrelada a essa abertura nos entornos de Santo Antônio, com vistas ao início de uma povoação, considerando-se que a *Companhia de Navegação do Alto Amazonas*, proprietária de três ou quatro pequenos vapores construídos pela



Laird & Co., começou a navegar nas águas superiores do Amazonas, e em seus afluentes – o Madeira, o Purus e o Rio Negro.

Mathews também afirma em seu relato que um novo empreendimento fora, recentemente, iniciado em Londres, “com o objetivo de colocar rebocadores e lanchas no rio Amazonas, e a *Madeira- Mamoré Railway Company*, sem dúvida, se valerá de embarcação própria entre o Pará e Santo Antônio, o ponto inicial da ferrovia no rio Madeira” (MATHEWS, 1879, p. 04). Assim, pode-se imaginar que a localidade fora ponto de hospedagem de canoeiros, remadores, etc., que davam suporte às canoas que subiam ou desciam o rio e que, aguardavam ali, o retorno de seus patrões, em especial, bolivianos, que, o relato de Mathews afirma que ocorria no Madeira.

O próprio Mathews fez a travessia das cachoeiras junto a uma flotilha de canoas, que se formou em Santo Antônio, o que confirma a hipótese de Santo Antônio ser um lugarejo movimentado nessa época de comércio de borracha e outros produtos da região. Comerciantes, “patrões bolivianos”, como dito, desciam e subiam o Madeira. Uma citação do relato de Mathews, confirma essa informação.

Para viajar entre as cachoeiras com satisfação, deve-se fazer o que fez um dos patrões bolivianos, Dom Miguel Cuellar era dono das três canoas maiores; outras duas pertenciam ao senhor Juan de Dios Molina, e a outra, além da minha, era de Dom Euperto Morales. Cada uma das canoas do senhor Cuellar era tripulada por homens de aldeias diferentes, duas delas tinham indígenas Bauré, enquanto a outra tinha somente indígenas Itonama; assim, os homens entendiam seus capitães, e trabalhavam com vontade, como uma máquina. Onde for possível, o melhor plano é encontrar um bom capitão e deixá-lo escolher sua tripulação entre os seus "parientes" ou conhecidos. (MATHEWS, 1879, P. 46).

Figura 2



Santo Antônio – Rio Madeira (vista à jusante, ou seja, rio abaixo)

Fonte: Relato de E. D. Mathews.

De acordo com os registros de Mathews, ele permaneceu nessa localidade durante 18 meses, tendo vivido ali, portanto, todo o ano de 1873, posto que, ao falar do clima da região, esclarece que

A precipitação de chuva em Santo Antônio, de acordo com as medições feitas por mim em 1872 e 1873, pode-se dizer que é de cerca de 2.286 milímetros por ano. Há seis meses de período de seca, de maio a outubro, e de janeiro a março parece ser o período mais chuvoso. O calor, às vezes, é grande na temporada de verão, o termômetro às vezes subindo para 35°C na sombra; mas, de modo geral, a temperatura não é tão alta quanto se poderia esperar da latitude do lugar, a média mais alta e a mais baixa no ano é de 27° a 31° durante o dia e de 21° a 24° à noite. (MATHEWS, 1879, p. 24).

Foi somente quando os trabalhos de construção da EFMM haviam sido suspensos que decidi fazer o caminho de volta para casa viajando rio Madeira acima, como mencionado. E assim escreve Mathews,

Quando da paralisação da obra, várias razões me levaram a tomar a decisão de voltar para casa atravessando a Bolívia e o Peru. Durante essa jornada, abandonei o costume de manter um diário irregular e, desde então, passei a fazer os registros regularmente. (MATHEWS, 1879, p. vii).

Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 71-84

São esses registros do diário de Mathews que possibilitou a escrita do relato que, entre inúmeras descrições da caça, da pesca e de nativos, bem como dos tipos de solo e vegetação, faz uma etnografia dos nativos que habitavam as margens do Madeira, do Beni, Mamoré, Yacuma, Ybari, etc.

Essa aventura de Mathews pelos trópicos, de fato, demonstra a possibilidade de navegabilidade nos rios da Bolívia. A jornada de Mathews *up stream* foi bastante trabalhosa, como se pode comprovar ao ler o seu relato de aventuras e peripécias. As canoas com toldas eram os meios empregados para a subida e descida dos rios superiores do Brasil e da Bolívia. Canoas, montarias e batelões eram utilizados para enfrentar as águas turbulentas do Madeira, quando na passagem das suas dezenove cachoeiras.

Sobre o início dessa jornada, Mathews diz o seguinte:

Fiz essa viagem em 1874, saindo de Santo Antônio no dia 24 de abril, em companhia de alguns comerciantes bolivianos que estavam voltando para o seu país com mercadorias compradas no Pará, para serem vendidas no departamento do Beni, no leste da Bolívia. (MATHEWS, 1879, p. 32).

Desse modo, faz exatamente 146 anos que Mathews partiu de Santo Antônio rumo ao Peru. E, assim, um grupo de viajantes brasileiros, bolivianos e europeus, em um comboio de sete canoas começou a subida das águas revoltas do Madeira. Mathews se juntou ao grupo de “patrões bolivianos”, que estavam retornando para a Bolívia com produtos para comercializar no seu país, porque sabia que, sozinho, ou seja, apenas uma canoa, era impraticável a subida das cachoeiras e o risco de ataque das “hordas selvagens” era muito mais certa.

É imprudente tentar subir ou descer as cachoeiras em canoas individuais, porque em pelo menos três delas, as canoas têm que ser totalmente descarregadas e arrastadas por terra, que, invariavelmente, atravessam uma colina pequena, mas íngreme, e uma tripulação pequena não consegue fazer a variação da canoa por cima de qualquer uma dessas colinas. Portanto, é sempre melhor reunir três ou mais canoas, antes de começar a subida ou a descida das cachoeiras. Canoas que viajam sem a companhia de outras também estão muito expostas aos ataques das hordas de selvagens errantes das margens dos rios, enquanto três ou mais canoas

Igarapé, v. 12, n. 1, 2019, p. 71-84



raramente ou nunca foram atacadas. Uma canoa pequena, ou “montaria”, é extremamente útil para levar a corda da sirga à frente das canoas maiores, quando os remos não conseguem vencer uma forte correnteza. (MATHEWS, 1879, p. 34).

Todas as informações colhidas dos nativos pelo engenheiro são de suma importância aos viajantes estrangeiros que o sucederam em suas viagens pelos rios da Amazônia, pois tanto contribuem para a segurança pessoal durante a empreitada, como ajudam os antropólogos e muitos estudiosos a conhecerem os inúmeros povos nativos que habitavam essa região. Também contribuem com a historiografia dessa parte amazônica brasileira e pan-amazônica, ainda pouco estudada e compreendida e à própria historiografia da EFMM.

Diante disso, pontuamos que as representações dos naturais elaboradas por Mathews se apoiam, em grande medida, na devotada ideia de cultura superior *versus* culturas inferiores; de povos civilizados e de “hordas de selvagens”, posição discursiva afirmada veementemente por Carl Friederich von Martius, nos idos de 1817– 1820). Ideia essa que vai servir de parâmetro para viajantes que o sucederam aos trópicos, apesar de outros frutos bastante importantes para diversos campos do conhecimento, tais como a Antropologia, a Etnologia, Historiografia do Brasil, etc.

Mathews, provavelmente, tenha tido contato com as ideias que vão de La Condamine a Martius, Bates, Whiffen e alguns outros viajantes, pois também acreditava que os europeus eram superiores aos naturais da América do Sul. E, apesar de o governo brasileiro acreditar nos esforços dos poucos missionários – a quem havia confiado o trabalho de proselitismo das “indomáveis tribos do interior do império” (MATHEWS, 1879, p. 21) – Mathews preconiza que

esses esforços poderiam, sem dúvida, ter sucesso em civilizar, parcialmente, tribos menos hostis, como os Mundurucu do Amazonas, os Pama do Purus ou os Caripuna do Madeira, todavia, esses meios são perfeitamente incapazes de domar tribos hostis, como os Parintintins do Madeira, os Acanga-Piranga do Juary, ou os Sirionó do rio Grande da Bolívia Oriental, tribos que recusavam qualquer contato com os brancos, e atacavam sempre que cruzavam com qualquer grupo despreparado. Para esses indomáveis filhos da floresta não há outro método de domesticação senão o rifle e a bala, e não adianta tentar negar o fato de que eles devem

ser retirados do caminho do comércio do Amazonas e de seus afluentes. (MATHEWS, 1879, p. 21).

Mesmo conduzido por ideias preconceituosas a respeito dos naturais da Amazônia, Mathews foi ajudado por canoeiros bolivianos e brasileiros. Sem essa ajuda, não poderia “vencer” as correntezas e cachoeiras. Todavia, na opinião do engenheiro, “os indígenas bolivianos do Beni são [eram] os melhores remadores ou “remeiros”, pois os peões brasileiros não são [eram] especialistas em empurrar as canoas rio acima ao longo dos muitos quilômetros de águas revoltas” (MATHEWS, 1879, p. 33). Além disso, Mathews inseriu em seu relato, um desenho em que ele próprio aparece sentado em meio aos Yuracaré, nativos das cabeceiras do Mamoré, na Bolívia.

Figura 3 - Edward Davis Mathews e os Yuracaré



(Desenho a partir de uma fotografia tirada em Cochabamba)

Observando o desenho pode-se ver as diferenças nos trajés e nos traços fisionômicos e, a julgar pela posição em que se encontra o viajante, tem-se uma comprovação de que Mathews, de fato, esteve entre os Yuracaré, quando de sua estadia em Cochabamba. Estar entre os nativos soa como um troféu de sua conquista e comprova que ele esteve ali. Assim, o seu relato de viagem também

pode servir como fonte de estudos de diversos povos dessa região da Amazônia, tanto brasileira, quanto estrangeira, seja porque há listas de vocabulários, de desenhos de ornamentos, de tipos físicos e de feições desses indivíduos da era do império do Brasil, haja vista ter Mathews trabalhado – mesmo que, provavelmente, inconsciente disso – com variados aspectos da cultura, seja pelos registros etnográficos dessas comunidades em que os jesuítas haviam trabalhado nos dois séculos anteriores,.

Assim, é relevante apresentar uma relação das 15 missões jesuíticas do vale, bem como dos povos nativos que povoavam esses aldeamentos:

- Exaltación, no rio Mamoré, povoada por Cayubaba (1).
 - Santa Ana, no rio Yacuma, um afluente do Mamoré, povoada pelos Mobima (2).
 - San Xavier, no Mamoré, povoada por Mojeño (3).
 - San Ignacio, no Tijamuchi, afluente do Mamoré, povoado por Mojeño (3).
 - Trinidad, no Ybari, afluente do Mamoré, povoado por Mojeño (3).
 - Loreto, no Ybari, afluente do Mamoré, povoado por Mojeño (3).
 - San Pedro, no Machupa, um afluente do Itenez, povoado por Canichana (4).
 - San Joaquin, no Machupa, afluente do Itenez, povoado por Itonama ou Machoto (5).
 - San Ramon, no Machupa, um afluente do Itenez, povoado por Itonama ou Machoto (5).
 - San Carlos, no Itonama, um afluente do Itenez, povoado por Bauré (6).
 - Madalena, no Itonama, um afluente do Itenez, povoado por Bauré (6).
 - N. S. del Concepción, nos rios Bauré, ou Blanco, afluentes do Itenez, povoado por Bauré (6).
 - N. S. del Carmen, no Bauré, ou Blanco, afluentes do Itenez, povoado por Bauré (6).
 - Reyes, no Beni, afluente do Mamoré, povoado por Maropa (7).
 - San Borja, no Apiri, afluente do Mamoré, povoado por Maropa (7).
- (MATHEWS, 1879, 124).

Desses povos nativos, há algumas descrições etnográficas, como dito anteriormente. Provavelmente, Mathews tivesse consciência do valor desses registros e um de seus méritos é justamente incluir em seu relato, alguns desenhos das fisionomias dos indígenas. Portanto, Mathews elaborou um tradução etnográfica. Acerca desse conceito, James Clifford esclarece que,

De acordo com muitos antropólogos sociais, o objeto da tradução etnográfica não é a fala historicamente situada (esta seria a tarefa do folclorista ou do linguista), mas a “cultura”, e, para traduzir a cultura, o antropólogo precisa primeiro ler e, então, reinscrever os significados implícitos que residem aquém/dentro/além da fala situada” (CLIFFORD, 2016, p. 231).

Portanto, Mathews fez registros um tanto quanto sistemáticos de fatos observados por ele durante a sua jornada de subida desses rios e terras amazônicas, contribuindo não apenas com a literatura de viagem, mas com vários campos outros científicos. Ao elaborar as suas descrições e emitir seus juízos valorativos, incorreu em vários riscos também, pois *Up the Amazon and Madeira Rivers through Bolivia and Peru* é – além de um relato de viagem de experiência e de aventuras – um inventário dos hábitos, costumes, instrumentos musicais, etc., e decifração do sentido de cultura dessas comunidades visitadas pelo viajante nessas zonas de contato, como escreve Pratt (1999) em *Os olhos do império: relato de viagem e transculturação*, um grande estudo de representações do Outro e das ideologias imperialistas. A imagem abaixo é um exemplo do trabalho descritivo de Mathews e de sua etnografia.

Figura 4 - Jovem indígena de Exaltación



Como não foi possível abarcar, neste texto, todos os aspectos e categorias registradas por Mathews em seu relato, doravante, tornar-se-á tarefa urgente, uma investigação mais aprofundada de suas representações dos nativos, mestiços e caboclos desses territórios viajados. O seu relato apaixonante pelos rios amazônicos e por terras acima das cachoeiras do Madeira é uma verdadeira odisseia de personagens estrangeiros na América do Sul.

Na verdade, depois de ter absorvido, avidamente, suas informações, comecei a refazer a viagem empreendida por Mathews a quase 150 anos, começando exatamente do trecho do Madeira de onde partira esse aventureiro de Liverpool. Não de Santo Antônio do Alto Madeira, como ele o fez, mas de Porto Velho, capital do estado de Rondônia. Durante a viagem, Mathews relia Humboldt enquanto descansava debaixo da tolda de sua canoa, já o tradutor de trechos deste texto, refaz a jornada enquanto carrega nas mãos o relato em inglês do viajante e um esboço dos capítulos traduzidos de *Up the Amazon and Madeira Rivers*. Procurando, dessa forma, refazer essa jornada ascendente não só porque segue



rumo ao Peru, mas também porque é consciente de sua própria aventura de ascensão espiritual e humanizadora no mundo amazônico.

REFERÊNCIAS

- ASAD, Talal. “O conceito de tradução cultural na antropologia social britânica”. In CLIFFORD, James & MARCUS, Georg. E. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Trad. Maria Cláudia Coelho. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2016.
- CLIFFORD, James & MARCUS, George E. (Orgs). *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Trad: Maria Cláudia Coelho. Rio de Janeiro; EDUERJ, 2016.
- DANTE, Fonseca. “Railway construction in Brazil: The Daily Graphic e as primeiras imagens da povoação de Santo Antonio do Rio Madeira (Rondônia)”. https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/dante-fonseca/railway_construction-in-brazil-the-daily-graphic-e-as-primeiras-imagens-da-povoacao-de-santo-antonio-do-rio-madeira-rondonia. Acessado em 28.04.2019.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castelo Branco. Editora da UNESP, 2005.
- FAULHABER, Priscila. “Etnografia na Amazônia e Tradução Cultural: comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendaju”. In: *Boletim Museu do Pará Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Belém, v. 3. n. 1, p. 15-29. 2008.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. *A ferrovia do diabo*. Editora Momentos: São Paulo, 2005.
- MATHEWS, D. Edward. *Up the Amazon and Madeira Rivers through Bolívia and Peru*. Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, Londres, 1879.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1990.